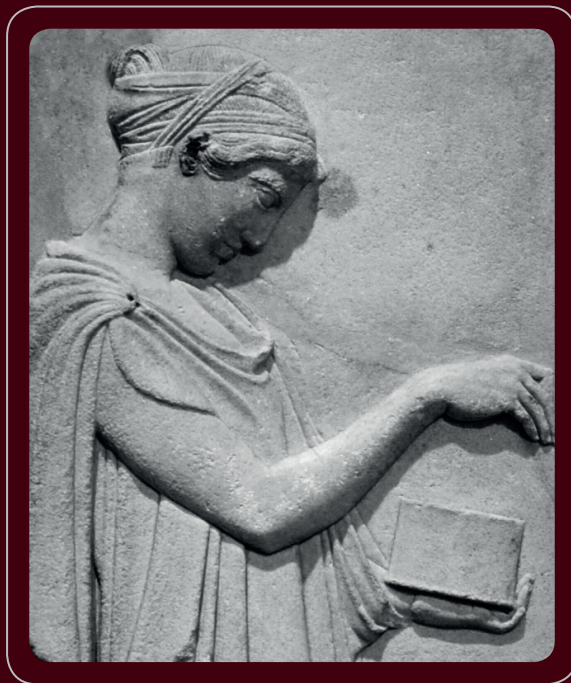


Paideia

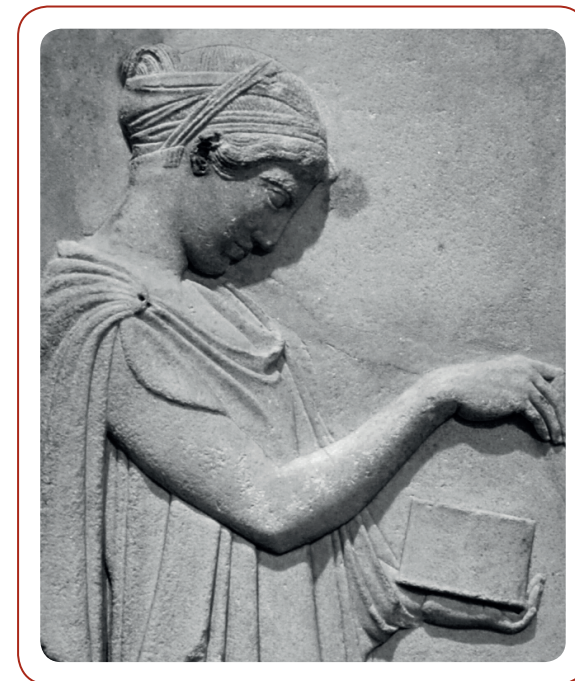
A HERANÇA HELÊNICA
EM RIBEIRO SANCHES



Tiago de Oliveira Alves

Paideia

A HERANÇA HELÊNICA
EM RIBEIRO SANCHES



Tiago de Oliveira Alves

RESUMO

O presente ensaio procura compreender até que ponto o pensamento, valores e ética, que caracterizaram a civilização grega, foram decisivos para as reflexões de Ribeiro Sanches, enquanto homem e erudito. Para atingir esse objectivo será realizado uma digressão por dois tratados da sua autoria – *Cartas Sobre a Educação da Mocidade e Dissertação Sobre as Paixões da Alma* – procurando estabelecer essa ponte entre o Enciclopedista e o legado helénico.

Figura incontornável do setecentismo português – e europeu, António Nunes Ribeiro Sanches foi um conceituado médico nesse «século das Luzes»⁰¹, tendo igualmente se destacado em outras áreas, como a filosofia ou a pedagogia, como, aliás, deixam subjacentes as temáticas traçadas nos seus testemunhos. O epíteto de «enciclopedista» que lhe é atribuído tem naturalmente o seu fundamento, acomodando-o numa montra de ilustres pensadores de «espírito livre», seus contemporâneos, que se evidenciaram na época, como (e para citar apenas alguns) Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Hume, ou, no caso português, Luís António Verney, Alexandre Gusmão ou Castro Sarmiento. A sua diáspora pela Europa, após expatriamento forçado⁰², foi, com efeito, salutar pelos contactos que entabulara com grandes notáveis das Luzes, em particular, com o mestre-médico holandês Hermann Boerhaave⁰³, para a expansão dos seus horizontes multiculturais e amadurecimento de pensamento, ampliando-lhe a aura de cosmopolita, ou *kosmopolites*, isto é, de «cidadão do mundo»⁰⁴.

Nascido na alvorada do século XVIII, na localidade raiana de Penamacor, a 7 de Março de 1699⁰⁵, Ribeiro Sanches assume de forma simbólica o papel de discípulo das Luzes, conforme prenuncia a data. Filho de abastados comerciantes, o interesse de Ribeiro Sanches pelas civilizações clássicas terá despertado ainda em criança quando, além de saber ler em latim, se cruzou com as obras de Plutarco⁰⁶. Podemos apenas conjecturar em que medida o vastíssimo *corpus* plutarquiano exerceu no espírito e na educação do jovem Ribeiro Sanches. Todavia, é admissível que este tacteamento prematuro com a produção literária do polígrafo grego, e possivelmente com outros autores clássicos, o tenha sensibilizado para conceitos tão ricos e próprios da cultura helénica, como *arete* («alta-excelência»), *time* («honra»), *nomos* («lei»), *polites* («cidadão»), *politeia* («conjunto dos cidadãos/constituição»), *polis*⁰⁷, *democratia* («poder do povo»), ou *paidéia*

[01] Em *Dissertação sobre as Paixões da Alma*, Ribeiro Sanches refere que havia abandonado «a prática da Medicina» (cf. Sanches 2003a) 11. O manuscrito é datado de 1753, pelo que podemos assumir que após se retirar definitivamente para Paris (em 1747), Ribeiro Sanches abdicou da profissão mas continuara a trabalhar os seus aspectos teóricos.

[02] Vide Nabais (2005) 70. Devido à sua condição de «cristão-novo», Ribeiro Sanches viria a exilar-se em 1725, após ter sido denunciado à Inquisição por actividades semitas, não voltando a regressar à pátria. O cisma religioso entre «cristãos-novos», ou seja, de judeus convertidos ao catolicismo romano, e «cristãosvelhos» só seria abolido em Portugal em 1773.

[03] Idem (2005) 70-71.

[04] Conceito que surge na época helénica (século IV-III a.C.) e que soma os termos gregos *kosmos* (universo, ordem) e *polites* (cidadão).

[05] Landeiro, talvez por lapso, situa o ano de nascimento de Ribeiro Sanches em 1669. Cf. Landeiro (1988) 126.

[06] Nabais (2005) 70. Autor grego, oriundo de Queroneia, do século I-II d.C., e como tal, associado à romanidade, Plutarco foi autor de vários opúsculos filosóficos, biografias de homens virtuosos gregos e romanos (*Vitae*), ou das famosas *Obras Morais (Moralia)*.

[07] Genericamente traduzida por «cidade-estado», embora o termo seja mais extenso que essa denominação artificial. Para melhor compreendermos a dimensão de *polis*, utilizaremos uma citação de Simónides: «a *polis* é a mestra do homem».

[08] Terá lido, obviamente, estas obras traduzidas em Latim. Não obstante, o valor semântico das palavras citadas tem correlação no léxico latino, como *virtus*, *Res Publica*, *honor*, *lex*, etc.

[09] Plutarco gozou (e continua a gozar) do estatuto de «Educador da Europa» Sobre o assunto vide J. Pinheiro, J. R. Ferreira, N. C. Soares, R. Marnoto (2008), *Caminhos de Plutarco na Europa*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (repr.2011).

[10] Sobre as certezas e controvérsias em torno da autoria das várias obras que compõem o *corpus hippocraticum* e a escola médica sediada na ilha egeia de Cós, vide Pereira (2006) 481-482. Em todo o caso, continuaremos a referir-nos a Hipócrates, enquanto autor dos manuscritos a ele associados, de modo a simplificar a leitura.

[11] A mudança para o curso de Medicina terá resultado no reconhecimento de Ribeiro Sanches das suas próprias limitações físicas, inseguranças psíquicas e na procura de respostas teóricas para sanar os seus males. Cf. Nabais (2005) 70.

[12] Cf. Sanches (2003a) 1.

[13] Pereira (2006) 481.

[14] Figura da mitologia grega, Asclépius era filho de Apolo e divindade patrona da Medicina.

[15] Jones (1931) 33.

[16] Manuscrito datado de 1763. Cf. Nabais (2005) 72.

(«educação/cultura»)⁰⁸. A envolvimento e entrega que Ribeiro Sanches dedicou aos estudos da «história profana», evidenciam, efectivamente, esse vínculo educativo nos princípios consagrados na ética e moral do universo grego e romano que lhe terão pesado na formação intelectual e na moldagem de carácter, conforme veremos mais adiante⁰⁹.

Além de Plutarco, o *corpus hippocraticum*, constituído por um amplo corpo documental de índole iátrica, cuja autoria é atribuída ao médico grego Hipócrates¹⁰, teve igualmente um vigoroso impacto na vida do Penamacorense, aquando os seus tempos de estudante de Direito na Universidade de Coimbra, factor que terá contribuído para que enveredasse pelo ramo da Medicina¹¹.

Não obstante o valioso património literário deixado por Ribeiro Sanches, o presente ensaio irá contemplar apenas duas das suas grandes publicações: a *Dissertação sobre as Paixões da Alma* e *Cartas sobre a Educação da Mocidade*. A selecção não é, de todo, inócua; ambas tocam, directa ou indirectamente, na profunda afinidade de Ribeiro Sanches com a cultura clássica e desdobram-se sobre as disciplinas supracitadas. A sua sabedoria sobre esse passado longínquo aponta, inevitavelmente, para a consciencialização do próprio em relação ao ónus da Antiguidade greco-romana, isto é, enquanto herança fundacional e identitária na edificação da civilização ocidental¹².

Composta em 1753, a *Dissertação sobre as Paixões da Alma* é um tratado que assenta em observações e conclusões ligadas a humores, enfermidades de estados de espírito e patologias, essencialmente, psicológicas. Será, no entanto, pertinente mencionar alguns aspectos para compreender o seu conteúdo. A medicina, enquanto ciência, emergiu no século V a.C. na Grécia, tendo como precursor Hipócrates, que implementou um método científico na cura de doenças e iniciou a literatura científica médica e registo de casos¹³. Mas apesar da distância cronológica que separa o século V a.C. do século XVIII d.C., a «arte de Asclépius»¹⁴ pouco evoluiu. Exemplo disso é a obra *Aforismos*, de Hipócrates, que até ao século XIX continuava a gozar do estatuto de «bíblia dos físicos»¹⁵. Ainda que o médico grego detivesse a soberania no mundo da medicina, um século antes, já Ribeiro Sanches contestava essa posição e apelava a reformas no ensino iátrico, em *Methodo de Aprender e Estudar Medicina*¹⁶. Há, sem dúvida, uma visão vanguardista *a posteriori* por parte do Penamacorense. Contudo, em *Dissertação sobre as Paixões da*

Alma ainda persiste a estreita dependência com as doutrinas tradicionais e com Hipócrates a preservar um papel central (e.g. Sanches (2003a) 2-3; 9).

As inúmeras alusões que Ribeiro Sanches faz ao longo de *Paixões da Alma* a autores clássicos, sustentam, mais do que um elevado grau de erudição, uma plataforma paradigmática para a elaboração do seu estudo. Iniciando a dissertação na génese da medicina e na influência dos filósofos pré-socráticos na composição das bases da arte médica, nomeadamente Pitágoras, Demócrito e Empédocles, também ele funde as duas disciplinas, arcando a postura de médico-filósofo¹⁷. A união de ambos os conceitos é paradoxal e os princípios da medicina «científica», no século V a.C., recusavam partilhar essa perspectiva unilateralista¹⁸. Não obstante, os ensaios que compõem o *corpus hippocraticum* são sintomáticos dessa coexistência¹⁹.

Um aspecto que é nítido ao longo da *Dissertação* é o predomínio de referências e dos ensinamentos de Hipócrates, cinzelando o pedestal onde assentará grande parte do exercício intelectual e reflexões de Ribeiro Sanches²⁰. A leitura de testemunhos de A.A. (Autores Antigos) foram, inclusive, vectores que despertaram a curiosidade do Penamacorense para estudar a relação dos humores com o diafragma, local que é identificado como depósito de emoções devido à concentração de três nervos vitais, rematando que apenas as teorias de Hipócrates tinham razão nesse encadeamento (cf. Sanches (2003a) 8-9). Além dos trabalhos do médico grego, outras autoridades foram abonatórias para as conclusões de Ribeiro Sanches. Exemplo disso são as possíveis analogias na relação do clima e o impacto na saúde psíquica do doente, ou a diferenciação de amores, isto é, da amizade («amor que temos para nos unir com a utilidade que redundada virtude») e do amor desordenado (Sanches (2003a) 15). O primeiro ponto foi igualmente abordado por Hipócrates, embora essa análise resulte de concepções filosóficas pré-socráticas; o segundo tópico condiz a uma longa tradição literária helénica, cujo assunto é examinado por diversos autores gregos, como Platão (e.g. *O Banquete*), Xenofonte (e.g. *Banquete*), ou Teógnis (*Theognidea*), apesar de corresponder maioritariamente ao amor homoerótico – marca comum na civilização helénica.

Plutarco também é aludido, não raras as vezes, com o autor de *Paixões da Alma* a citar alguns episódios retratados no *corpus* plutarquiano, enquanto elementos ilustrativos ao contexto temático (e.g. Sanches (2003a) 4; 12). Ribeiro Sanches quando descreve a sua enfermidade, que denomina de

[17] Sanches (2003a) 2; cf. Jones (1923) 12.

[18] Cf. Pereira (2006) 479 (nota nº1).

[19] Jones (1923) 12-17. A incoerência e discrepância dentro do próprio corpo documental *hippocraticum* estão directamente relacionadas com os aspectos sublinhados em nota supracitada (vide nota nº10).

[20] O médico grego ou a alusão a manuscritos da sua autoria são referidas – explicitamente – cerca de dez vezes. As indicações a Galeno podem igualmente sugerir uma relação com Hipócrates, visto que o autor romano foi um dos grandes comentadores das obras do médico grego.

[21] Sanches (2003a) 11-12.
Vide nota supra nº1.

«hipocondríaco» e que a caracteriza pela «debilidade de nervos ou do ânimo», recorre ao polígrafo grego para concluir o quanto a «doença» incapacita na condução de cargos públicos ou na vida civil²¹.

A título de curiosidade, é interessante também verificar a admiração de Ribeiro Sanches por Sócrates, que o descreve da seguinte maneira (Sanches (2003a) 7):

Veremos agora o contrário que é um homem prudente, homem como Sócrates a quem Deus concedeu o juízo inteiro em um corpo são.

Num passo mais adiante, o Penamacorense afirma que grande parte da virtude do filósofo ateniense do século V a.C. se correlaciona com a «sua excelente constituição [física e psicológica]». Em suma, o porte de Sócrates corresponde a um ideal de avaliação clínica.

Não nos cabe aqui «dissecar» exaustivamente a *Dissertação Sobre as Paixões da Alma*, embora outros indícios do legado helénico pudessem ser indicados; esses vestígios e pistas flutuam abundantemente na superfície do manuscrito. Vejamos se a marca grega está igualmente presente na obra seguinte de Ribeiro Sanches que nos propusemos a analisar.

A obra intitulada de *Cartas Sobre a Educação da Mocidade*, datada de 1759, da autoria de Ribeiro Sanches, tem ineludíveis paralelismos com a obra de Plutarco – *Da Educação das Crianças* – reforçando a designação outorgada ao polígrafo grego de «Educador da Europa»²². O manuscrito do autor queroneio parece ter sido, inclusivamente, a principal fonte de Ribeiro Sanches, a par com Quintiliano (cf. Sanches (2003b) 36) para a produção da sua obra. Não obstante as afinidades entre ambos os manuscritos, é necessário termos em consideração o tempo cronológico que as separa e os ajustamentos à conjuntura histórica que cada um dos autores escreve as suas respectivas obras.

A *Educação da Mocidade* é, de forma assumida, uma obra de natureza pedagógica. A sua composição resulta na ordenação racional e complexificação do sistema de ensino português, com vista a fundar um Portugal moderno na esteira das restantes monarquias europeias. A visão e a proposta, que é exprimida no tratado por Ribeiro Sanches, não são inovadoras. Na verdade, ele condensa grande parte da matéria que trata em acordo com o

[22] Sobre o assunto vide Pinheiro (2008) 9-11.

experimentalismo reformador que se ia estabelecendo na Europa, acordado no valor «das Luzes». Por outro lado, o período que esteve na Rússia czarista, entre 1731 e 1747, exercendo funções de médico dos Czares e do exército imperial, permitiu-lhe contactar directamente com a forma de organização das instituições militares, nomeadamente o Corpo Imperial dos Cadetes de São Petersburgo. Parece claro que o modelo deste colégio reservado à aristocracia russa²³ terá induzido o Penamacorense para a necessidade de se criar uma Escola Real Militar e para a forma como a fidalguia e nobreza portuguesa devia ser ensinada.

Através de digressões pela História portuguesa e europeia, Ribeiro Sanches irá utilizar a obra como veículo privilegiado para lançar críticas à influência «maligna» da doutrina católica e denunciar a pesada atmosfera da Igreja sobre a sociedade governativa e civil²⁴. Associado a isso, está o peso da elite eclesiástica e a sua monopolização do ensino, quer em escolas paroquiais, quer universidades, e na desacreditação dos ensinamentos gregos e romanos. Um dos grandes itens do tratado é precisamente essa revalorização da “história profana”, das ciências (antigas)²⁵ e do estudo do Latim e do Grego (cf. Sanches (2003b) 39-40), em contraste com o exclusivismo da «história sagrada» e das leituras eclesiásticas nas escolas. Ribeiro Sanches é audaz ao ponto de resumir que o pendur da religião na educação da juventude estava apenas direccionado para formar «um bom Cristão ou um bom Eclesiástico» (Sanches (2003b) 5) mas não necessariamente um homem virtuoso e instruído capaz de servir a pátria²⁶. Ribeiro Sanches partilha, de resto, o método de Plutarco, quando este refere:

Os princípios [da virtude] advêm da natureza e os progressos da educação; a prática advêm dos exercícios e a perfeição resulta de todas estas coisas. Porém, se, por destino, faltasse alguma destas coisas, a virtude ficaria imperfeita. É que, de facto, a natureza sem instrução é cega (...) (Plutarco *Da Educação das Crianças* 2b)

De facto, ambos os manuscritos – *Da Educação das Crianças* e *Cartas Sobre a Educação da Mocidade* – tem vários pontos de contacto visíveis, o que não será de estranhar pela familiaridade que Ribeiro Sanches tinha com as obras de Plutarco. Mas essa familiaridade não se restringe ao polígrafo grego. Ao longo tratado, Ribeiro Sanches oferece outros elementos relativos ao legado helénico. Um desses exemplos é a queda de Bizâncio, em 1453, nas mãos do Império Otomano. Se o episódio foi encarado como infortú-

[23] Nabais (2005) 70.

[24] Não obstante, o manuscrito não prime pelo ateísmo ou completa «laicização» do Estado soberano.

[25] Entendam-se aqui a Filosofia, Aritmética, Medicina, Geometria, Astronomia, História, Física, etc

[26] Mais adiante na sua obra, Ribeiro Sanches confere outro exemplo recorrendo ao filósofo ateniense: «Dizia Sócrates, que era coisa notável que havendo Mestres, e Escolas para aprender tudo o que era necessário para ser rico, considerado, e autorizado, que só não conhecia uma onde os homens e os meninos fossem aprender a ser bons» (Sanches (2003b) 63).

nio para os Gregos (neste caso, para os Bizantinos), que foram obrigados a refugiar-se em Itália, para Ribeiro Sanches a integração destes «doutos» nas universidades italianas fizeram com que difundissem «aquele conhecimento da História da antiguidade, a Eloquência e a Filosofia Moral de Platão e de Aristóteles (...) para que toda a Europa mudasse o modo de pensar, em que tinha vivido quase por 15 séculos» (Sanches (2003b) 29-30). Não há dúvidas quanto ao fascínio de Ribeiro Sanches pela Antiguidade Clássica. Mas o enlevo vai mais longe quando revela o carácter em que assentam as civilizações grega e romana:

Enquanto as Repúblicas da Grécia e a Romana, conservaram as virtudes referidas com a frugalidade, a fé particular, e pública nos Tratados; o respeito, e a observância do juramento de fidelidade; a verdade, a sinceridade, a constância, e aquela subordinação admirável entre os Súditos, e os Magistrados sempre se conservaram potentes, e conquistaram seus inimigos com glória (Sanches (2003b) 7).

Por outro lado, é notório a empregabilidade dos termos «República» e «cidadãos» e a importância da «Lei»²⁷. Os dois termos e a lei, enquanto mecanismo legal de organização do Estado, têm uma clara conotação política associados à época clássica. Este paralelismo de Reino com República (e.g. Sanches (2003b) 40) ou de súbditos com cidadãos (e.g. Sanches (2003b) 42) é contraditório. Os Helenos consideravam o sistema de *polis* o instrumento que providenciava o estatuto de cidadão, contrastando com os bárbaros (e.g. o Império Persa) que, por terem um soberano, eram reduzidos à condição de súbditos. Já o relevo que Ribeiro Sanches imprime à «Lei» (e.g. Sanches (2003b) 6-7), é uma característica tipicamente grega e romana, com fim a atingir um Estado harmonioso.

Em suma, ambos os tratados de Ribeiro Sanches aqui abordados denotam uma clara reminiscência com o passado grego e romano. Parece evidente, tal como avançamos inicialmente, que as escrituras helénicas tiveram um peso significativo na formação do pensamento do Penamacorense. A *Paixões da Alma* e a *Educação da Mocidade* são testemunho disso mesmo, pelo que podemos afirmar com legitimidade que todo o exercício intelectual abarcado nas duas obras assenta num esqueleto marcadamente clássico. Mais que um «cidadão do mundo», Ribeiro Sanches parece assumir o papel de «guardião» da *República* utópica imaginada por Platão.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

W. H. S. Jones (1931), «Introduction» in *Hippocrates*, vol. IV, Cambridge, London, Massachusetts, Harvard University Press, 9-58 (reprint. 1959).

_____ (1923), «Introduction» in *Hippocrates*, vol. I, Cambridge, London, Massachusetts, Harvard University Press, 9-69.

J. M. Landeiro (1988), «Homens ilustres de Penamacor – Dr. António N. Ribeiro Sanches» in *O Concelho de Penamacor: na História, na Tradição e na Lenda*, Edição da Câmara Municipal de Penamacor, 126-130.

J. Nabais (2005), «Ribeiro Sanches: tal como Amato um médico do Mundo», *Medicina na Beira Interior: da Pré-História ao Século XXI*, cadernos de cultura 19, Castelo Branco, 69-73.

M. H. R. Pereira (2006), «A Ciência no Séc. V a.C.: Criação da Medicina» in *Estudos de História da Cultura Clássica, 1º Volume – Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 479-483.

J. Pinheiro (2008) Plutarco. *Obras Morais: da Educação das Crianças*, trad., intro e notas, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

A. R. Sanches (2003a), *Dissertação sobre as Paixões da Alma*, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

_____ (2003b), *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

[27] Conforme foi referido anteriormente. Vide também nota supra nº8.

